

Érica Negreiros de Camargo



## APARTAMENTO FEITO PARA VOCÊ

Orientador:

Prof. Dr. Telmo Pamplona

170

pós-

### RESUMO

Por mais sedutora que possa ser a peça publicitária do lançamento de um imóvel residencial, por mais conveniente que o apartamento decorado exposto à visitação possa parecer,   necessário indagar do bem-estar oferecido pelo ambiente doméstico colocado “  venda” O processo de efetiva qualifica o dos espaços edificados – doravante visíveis e tangíveis – d -se somente quando estes, tomados pelo uso, submetem-se ao dia-a-dia de seus ocupantes. Ao imbuir o ambiente doméstico de valores próprios e preenchê-lo com particulares modos de viver, cada grupo de usuários, em um edifício de apartamentos, exerce uma a o individualizadora que especifica e diferencia a linguagem originalmente padronizada dos apartamentos. A combina o desta a o com o real uso feito do espaço habitado substancia a busca pela satisfa o de uma necessidade prioritária: o conforto doméstico. Levantada a essencialidade da condi o de bem-estar no “produto” habita o, trata-se, neste artigo, de rever o planejamento de espaços padronizados de moradia, potencialmente confortáveis aos seus usuários. Relaciona-se a essa tarefa a necessária consciência do caráter subjetivo e pessoal que envolve a condi o pretendida para o espaço projetado: o conforto doméstico, item que amiúde, equivocadamente, vem sendo confundido – por quem faz e por quem usa – com *mercadoria*.

### ABSTRACT

Glossy brochures advertising a new project for an apartment building can be quite enticing. Similarly, a fully decorated model apartment, designed to give prospective buyers a tangible notion of their future living space, is also quite convenient. Yet, questions must be raised regarding how well this “home for sale” can meet these buyers’ comfort needs and yearnings. Even after such an apartment is built – and becomes visible and tangible – it will only be effectively personalized and individualized when submitted to the everyday routine of its occupants. They will assign their values and lifestyles to their homes, shaping a hitherto standard housing unit into a unique home. Together, this personalization and the actual use of a residence embody the search to attend to a primary need: domestic comfort. Considering that one the chief requirements of a home is the wellness of its residents, this article deals with the planning of standard housing units aiming at their users’ comfort. In order to achieve this, architects must take into consideration the subjective and personal nature of such residence and its inhabitants. Often times, domestic comfort has been wrongly taken to mean – by sellers and users – a mere article of commerce.

Quem, em um desses cruzamentos da cidade, ao aguardar a reabertura do farol, nunca foi presenteado com um folheto contendo informações sobre algum lançamento imobiliário? Se resistiu ao ímpeto de dizer “não, obrigado” recusando o presente, e por curiosidade, passou os olhos por uma dessas peças publicitárias, tornou-se, imediatamente, mais um convidado a adquirir o apartamento dos sonhos, a um preço totalmente possível, numa localização privilegiada.

Para que não restem dúvidas quanto à natureza da oferta, constarão no convite ilustrações do futuro edifício, com a futura vegetação da qual se desfrutará, ao lado dos futuros felizes vizinhos. Mas para a total eficiência da divulgação do lançamento, não deverá faltar a ilustração da planta baixa de um apartamento-tipo, de preferência ornada com móveis, tapetes e até eletrodomésticos.

Aos possíveis interessados, caberá a improvável tarefa de se imaginar morando naquele desenho: dormindo numa das caminhas, ou assistindo à TV, providencialmente localizada em frente do sofá; ou ainda circulando por entre aquelas linhas que representam as paredes dos cômodos – quase sempre marcados com letras vistosas: *living*, *hall*, *cozinha*, *suíte*, etc. Diferente de se adquirir um automóvel (atendo-se a um outro investimento significativo), não será possível ao comprador de um apartamento um *test-drive* para que se possa avaliar o conforto e a qualidade da nova moradia.

Por mais esdrúxula que pareça a incumbência de idealizar um cotidiano a partir de uma representação bidimensional, é esse o caminho percorrido por aqueles que, por alguma razão, optam por adquirir um imóvel ainda “na planta” Acostumamo-nos a “entender” essas plantas de vendas (como são chamadas pelos arquitetos) encontradas não só nos folhetos distribuídos pelas ruas, mas em quaisquer classificados de jornal. São elas, muitas vezes, a única referência disponível de uma realidade ainda impalpável e idealizada por quem a adquire. Nela investem-se, muitas vezes, não apenas a poupança, mas um projeto de vida. Adquire-se, além do evidente meio de pecúlio, um espaço para se habitar, o qual deverá preencher expectativas e necessidades de abrigo seguro e de conforto.

Descuidam-se, portanto, arquitetos e compradores, do fato de que não se encerra no desenho de planta baixa – ou mesmo no cenário elaborado de modo a reproduzir um ambiente doméstico, como nos apartamentos decorados expostos à visitaçãõ – tudo o que envolve a realidade de se habitar um espaço. Concernem à essa realidade, isto sim, as inúmeras possibilidades de relações interpessoais dos usuários, dentro do contexto físico e palpável do espaço em que se vive.

Especialmente instigante é a observação do fato de realidades tão distintas estabelecerem-se em espaços extremamente semelhantes, senão idênticos, como é o caso de apartamentos de um mesmo edifício residencial: dada a sua ocupação, o objeto geometricamente mensurável, composto de planos, curvas, cheios e

vazios, passa a apresentar dimensões intraduzíveis; incorpora novos odores, luzes, sons, texturas, palavras e gestos – signos eleitos por cada usuário, cuja finalidade é a de revelar a imagem que ele tem do (próprio) universo.

Tarefa complexa essa, uma vez que, sendo esse universo resultante do contexto econômico, social e cultural de quem o representa, está sujeito à passionalidade do seu emissor e é, portanto, impossível de ser apresentado na sua real dimensão. Conseqüentemente, resulta parcial toda e qualquer fala do usuário sobre seu ato de habitar um espaço.

Tomemos, como exemplo, apartamentos já ocupados de um mesmo edifício residencial. A análise das possíveis diversas formas de uso desses espaços que, habitualmente, tomaríamos como iguais, revela realidades distintas, peculiares a seus moradores.

Ao primeiro contato com cada ambiente doméstico, deparamo-nos com uma imensa variedade de informações – referências ao contexto econômico, social e cultural de seus habitantes – que, por si só, já seriam capazes de provocar em nós, observadores estranhos ao ambiente, as mais diversas sensações como conforto, intimidade, timidez, nostalgia ou austeridade: uma cortina espessa que impede que o externo permeie o interior doméstico, uma televisão que dita a posição dos demais móveis da sala, uma pequena mesa para refeições na cozinha, os quadros nas paredes, os odores de cada ambiente, suas cores, um objeto que remete a uma época passada, os tecidos e almofadas que revestem um sofá, os sons e a ubiqüidade de crianças.

Diante dessas estimulantes realidades, nas quais se apresentam simultaneamente traços arquitetônicos originais (ou mesmo transformados) do apartamento, objetos e a própria fala dos usuários, pode-se chegar à ilusória conclusão de que a diferença entre os vários ambientes domésticos num mesmo edifício residencial apóia-se unicamente nas diversas formas de organização do sistema de objetos. Passa a ser, neste momento, necessária e definitiva a identificação, dentro do seu ambiente doméstico, de cada grupo de usuários, pois é justamente a diversidade de seus cotidianos que revelará os distintos usos de cada espaço.

Importa a interação do habitante com seu espaço: a relação de conforto e praticidade, o mobiliário utilizado, a incorporação da tecnologia ao ambiente doméstico e, não menos importante, o discurso verbal de cada usuário; têm-se, então, signos que, ao atribuir especificidades aos espaços originalmente virgens, além de concretizar ambientes diferenciados, revelam pontos de convergência e divergência entre si.

É provável, por exemplo, que, por maior que possa ser o contraste entre os contextos de dois grupos de moradores do mesmo edifício, deparemo-nos, em ambos os ambientes, com um conceito que remonta às primeiras edificações residenciais do Brasil, no século 16: a sala, como setor social da casa, ambiente

especialmente arranjado para as relações sociais, e que será visto por estranhos à intimidade doméstica. Cada grupo de usuários, a seu modo, faz desse ambiente o espelho do que pretende que sejam seus conceitos de conforto e organização domésticos.

A subdivisão desse setor social em áreas para estar, refeições, escritório, audição de música e dança, verificada em casas no Brasil, já nos séculos 18 e 19, traduz-se na atual multiplicação de pequenos espaços, dentro de um todo, sem haver, necessariamente, divisões físicas.

Fica a cargo dos revestimentos, mobiliário, adornos e elementos de tecnologia a determinação dessa ou daquela função atribuída a cada um dos subambientes. Dessa forma, a linguagem compacta dos apartamentos incumbe-se de manter e atualizar os costumes e conceitos de social e íntimo na habitação. Para o arquiteto e professor de arquitetura e urbanismo da Universidade da Pensilvânia, Witold Rybczynski, se não encontramos no presente a satisfação da necessidade do bem-estar doméstico, “*uma necessidade humana fundamental, que está profundamente enraizada em nós*” é natural que a busquemos na tradição<sup>1</sup>

A separação dos setores social, íntimo e de serviços – sutil ou ostensiva – de cada apartamento revela diferentes repertórios de cada grupo de usuários. Verifica-se maior maleabilidade na integração desses setores, quanto mais moderna a dinâmica do cotidiano doméstico.

A despeito da padronização interna original dos apartamentos, é o *uso* o responsável pela linha – muitas vezes, tênue – que separa o que é aberto a estranhos, do que não pode ser mostrado. Jovens ocupantes de um apartamento poderão até mesmo enfatizar a proximidade física entre sala e cozinha, para onde, freqüentemente, convidados são levados a partilhar, num convívio claramente social, do momento de preparo dos alimentos. O uso de equipamentos modernos, a preocupação com os revestimentos e até mesmo com o *design* dos utensílios e objetos de adorno da cozinha ajudam a acentuar sua configuração como extensão natural da sala de visitas, elevando-a ao *status* de setor social.

De forma contrária, usuários de idades mais avançadas, ou apegados a tradições, trazem intrinsecamente ligada à idéia de conforto doméstico a explícita distinção formal entre o aberto e o restrito a estranhos. Discreto será o acesso à intimidade do seu apartamento, quase como um filtro do que se experimenta no convívio social.

A hierarquização dos tratamentos dados ao social e ao íntimo é, por vezes, o suficiente para inibir a permeabilidade da intimidade doméstica. Segundo o arquiteto e professor mestre da Uni-Rio, Francisco Salvador Veríssimo, no Brasil, é no setor de serviços, não na sala ou nos quartos, que se revelam mais claramente os hábitos da casa, “*sem a máscara utilizada pelos atores, quando desempenham seus papéis no setor social*”<sup>2</sup>.

(1) RYBCZYNSKI, Witold.  
*Casa – Pequena história de uma idéia.*

(2) VERÍSSIMO, Francisco Salvador e BITTAR, William S. Mallmann. *500 anos da casa no Brasil.*

O fato de um edifício de apartamentos poder comportar tão particulares e distintos modos de viver sustenta-se, ilusoriamente, em aspectos comuns, a cada grupo de habitantes: a idéia de um bem-estar gerado por regras ditadas por modismos de decoração – em um universo que engloba revestimentos, mobiliário e objetos de adorno – e de facilidades advindas da imensa variedade de utensílios e eletrodomésticos tecnologicamente sofisticados, fartamente à disposição no mercado. Apoiados em bens materiais, usuários tentam explicitar e defender seus contextos, elaborando, pelo acúmulo de objetos e de arranjos internos, o cenário que julgam melhor representar seus conceitos de bem-estar e aconchego domésticos.

No entanto, é o ato de imbuir o espaço de valores próprios e de preencher o ambiente doméstico com particulares modos de viver, que confere a seus usuários o poder de especificar a linguagem padronizada dos apartamentos, convertendo o que era *standard* em diferenciado e único. Isso porque é justamente a combinação desta ação individualizadora com o real uso feito do espaço habitado que substancia a busca pela satisfação da necessidade de conforto doméstico.

Uma vez posto como condição necessária e essencial ao “produto” habitação, o bem-estar doméstico de seus usuários é primordial aos que planejam o espaço a ser habitado, a consciência do caráter subjetivo dessa sensação. Além disso, será relativa a competência de quaisquer que sejam os meios – desenho, maquete eletrônica, apartamento decorado, etc. – de se representar a intimidade e o aconchego domésticos pretendidos para aquele espaço edificado, tão logo seja ocupado.

É justamente essa característica de personalidade, envolvendo o ofício de projetar para abrigar, que lança arquitetos ao desafio urgente de otimizar em seus projetos a *usabilidade* – conceito moderno, cuja definição ISO preconiza a relação do produto com o usuário, o objetivo que se pretende atingir e o ambiente no qual o produto está inserido<sup>3</sup>

O profundo conhecimento das reais e específicas necessidades de um potencial grupo de usuários de um espaço habitável, assim como seus hábitos e relações sociais normalmente estabelecidas dentro do ambiente doméstico, será de inestimável valor para que, ao se elaborar o projeto, atinja-se o objetivo proposto: conferir ao usuário o domínio sobre o uso do produto adquirido – sua moradia – para que esse lhe seja de fato prazeroso, seguro e responsável por uma verdadeira melhora na qualidade de suas vidas – ou seja, o conforto doméstico, que embora muitas vezes apresentado como tal, jamais deveria ser confundido com *mercadoria*.

(3) JORDAN, Patrick W. *An introduction to usability*. Londres: Taylor & Francis Ltd., 1998.

## BIBLIOGRAFIA

- BORGES, João Gonçalves, VASCONCELLOS, Fábio Puccetti de. *Habitação para o desenvolvimento*. Rio de Janeiro: Bloch, 1974.
- DANTAS, Jorge Rezende. *Dinâmica do mercado imobiliário habitacional*. São Paulo, 1980-1990. Trabalho apresentado ao SEMINÁRIO METRÓPOLES LATINO-AMERICANAS – METROPOLITAN HOUSING AND LAND MANAGEMENT IN THE 1990s. São Paulo. out. 1991. Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo e United Nations – Centre for Regional Development.
- FERRARA, Lucrécia D'Aléssio. *Leitura sem palavras*. São Paulo: Editora Ática S.A., 1986.
- FURTADO, Celso. Análise do "modelo" brasileiro. 2 ed. In: ZANETTINI, Ziegbert. *Habitação: Implicações do processo de industrialização*. São Paulo, 1972. Tese (Doutorado) – Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Universidade de São Paulo.
- GROSTEIN, Marta Dora, PEREIRA, Paulo César Xavier, SILVA, Ricardo Toledo. *A produção da cidade*. Trabalho apresentado ao SEMINÁRIO METRÓPOLES LATINO-AMERICANAS – METROPOLITAN HOUSING AND LAND MANAGEMENT IN THE 1990s. São Paulo. out. 1991. Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo e United Nations – Centre for Regional Development.
- JORDAN, Patrick W. *An introduction to usability*. Londres: Taylor & Francis Ltd., 1998.
- LEMOS, Carlos A. C. *Alvenaria burguesa*. 2 ed. São Paulo: Livraria Nobel S.A., 1989.
- \_\_\_\_\_. *Cozinhas, etc.* São Paulo: Editora Perspectiva S.A., 1976.
- \_\_\_\_\_. *História da casa brasileira*. 2 ed. São Paulo: Contexto (Pinsky), 1996.
- MELLO, João M. Cardoso de, NOVAIS, Fernando A. *Capitalismo tardio e sociabilidade moderna*. 1 ed. São Paulo: Editora das Letras, 1998 (Col. História da Vida Privada no Brasil, v. 4).
- PERRONE, Rafael A. Cunha. *O desenho como signo da arquitetura*. São Paulo, 1993. Tese (Doutorado) – Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Universidade de São Paulo.
- RYBCZYNSKI, Witold. *Casa – Pequena história de uma idéia*. 1 ed. Rio de Janeiro: Editora Record, 1996.
- VERÍSSIMO, Francisco Salvador, BITTAR, William S. Mallmann. *500 anos da casa no Brasil*. Rio de Janeiro: Ediouro Publicações S.A., 1999.